

A diversidade cultural e o conflito étnico na África: um estudo sobre *A flecha de deus*, de Chinua Achebe

Adilson Vagner de Oliveira*
Ana Cássia Gualda Bersani**

Resumo: Este texto analisa a obra “A flecha de Deus” (2011) de Chinua Achebe, a partir do recorte teórico sobre as relações de conflito étnico entre os povos nativos da Nigéria e a potencialização dos confrontos com a presença dos colonizadores europeus no território africano. Trata-se de uma investigação exploratória sobre as ferramentas de representação literária do romance africano diante do projeto pós-colonial de ficção narrativa e a formação de identidades dos povos locais.

Palavras-chave: Romance. Conflito Étnico. Chinua Achebe. Cultura.

Cultural diversity and ethnical conflict in africa: a study on “The arrow of god” by Chinua Achebe

Abstract: This paper analyzes the novel “The arrow of God” (2011) by Chinua Achebe, from a theoretical approach on the ethnical conflict relations among native peoples from Nigeria and the potentialization of confrontations with the presence of European colonizers in the African territory. It is an exploratory investigation on the tools of literary representation of the African novel in face to the post-colonial project of fiction narrative and the identity formation of local peoples.

Keywords: Novel. Ethnical Conflict. Chinua Achebe. Culture

Introdução

A produção literária de Chinua Achebe tem recebido importantes contribuições investigativas recentemente (AKANBI *et al.*, 2018; BHATT, 2014; AKWANYA, 2013; ONYIBOR, 2016). Trata-se de um dos maiores escritores africanos, cujos trabalhos ficcionais sobre a questão étnica e as identidades africanas conferem ao romance características muito singulares, que enriqueceram toda a produção literária do século XX. Diante desse contexto, este trabalho analisa o romance “A flecha de Deus” (2011) do escritor nigeriano, a

* Professor do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT Campus Avançado Tangará da Serra. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas: História, Política e Sociedade”. Mestre em Estudos Literários e Doutor em Ciência Política. E-mail: adilson.oliveira@tga.ifmt.edu.br.

** Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica – PROIC/FAPEMAT do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT Campus Avançado Tangará da Serra. E-mail: acgbmt@gmail.com.

partir de um recorte que investiga os elementos culturais e os conflitos étnicos na composição narrativa africana, em consonância com a questão colonial. Assim, o trabalho descreve como o processo de colonização europeia potencializou os conflitos entre os diferentes grupos étnicos africanos, por meio da análise do terceiro romance da Trilogia Africana.

Inicialmente, tem-se uma discussão sobre as relações entre cultura e a representação literária, a fim de investigar como os conflitos étnicos na Nigéria foram representados na obra de Chinua Achebe. Em seguida, aprofunda-se a análise da narrativa do autor, para que se possam pensar as relações conflituosas entre os povos locais diante da presença europeia.

Literatura e cultura: a representação do conflito africano

Os estudos teóricos sobre a história e a sociedade africanas revelam situações culturais que são muito particulares e, por isso, indispensáveis para se pensar a condição atual das nações africanas e conseqüentemente, acessar as práticas de representação literária sobre seus povos. Diante disso, as explorações investigativas sobre as sociedades africanas e suas ações culturais merecem prudência ética e técnica muito significativas para se compreender o universo literário do continente. Assim, a representação do conflito africano está profundamente ligada à reflexão sobre a diversidade étnica e os efeitos da colonização europeia na sociedade, na cultura, na política e na economia dessas nações, ou seja, como esses fenômenos se converteram em material criativo para os escritores pós-coloniais.

A diversidade cultural deve ser considerada um objeto de conhecimento empírico em que a pluralidade, a troca cultural ou a própria história da humanidade tornam-se a representação da separação das culturas totalizadas que vivem a chamada intertextualidade das localidades históricas (BHABHA, 1994). Desse modo, a cultura, como objetos de conhecimento, permite a leitura e a interpretação dos textos africanos como retratos ou documentos do encontro cultural. Portanto, o potencial dos textos africanos está exatamente na diferença cultural do continente, em suas “fronteiras de interação cultural” (BHABHA, 1994). Todas essas condições de interação devem ser objetos de exploração

literária, muito mais do que línguas, nações ou o continente, mas, de fato, os entre-lugares¹ das culturas (JULIEN, 1995).

Para Udeani (2007), um dos principais pontos a ser explorado pela análise crítica está exatamente nesse desafio de fazer a diversidade cultural africana compreensível para os diferentes povos do mundo. Numa perspectiva mais direta sobre a diversidade cultural na África, revela-se o profundo relacionamento com a identidade histórica do continente e suas movimentações no espaço globalizado, por isso, a identidade coletiva africana está atrelada à diversidade cultural, sob o prisma da etnicidade. Isso significa que as culturas africanas estão ligadas e integradas a partir da ideia de relações entre grupos étnicos específicos, o que tende a destacar partes diferentes das contradições históricas do continente e dos contextos locais. De fato, as culturas regionais foram profundamente modificadas, primeiramente, pelas incursões europeias e islâmicas há cinco séculos, o comércio de escravos, a colonização forçada, a imposição de línguas e religiões estrangeiras e os próprios modelos de administração propagados ao longo do processo de colonização, elementos que provocaram a maioria das confusões culturais, políticas, religiosas e sociais do continente.

Evidentemente, pode-se falar em “contradições”, “confusões”, “conflitos” exatamente pelo fato de que esses eventos históricos necessitam de uma tradução cultural contínua, os fenômenos devem ser interpretados ao longo da história e por isso, os encontros culturais e étnicos nos diversos territórios africanos carecem sempre de uma compreensão e uma consequente explicação endógena. Nessa perspectiva, a literatura adquire atribuições muito importantes nesse processo, assim como os estudos antropológicos, políticos e sociais também desempenham funções indispensáveis. Trata-se de percepções e visões de mundo internas aos fenômenos, por isso, a grande capacidade de transmitir mais detalhes sobre os eventos históricos do continente.

Assim, as narrativas ficcionais pós-coloniais representam as tentativas artísticas de interpretação dos fenômenos sociais e culturais das nações africanas durante as frentes de colonização e, posteriormente, nos períodos pós-independência e nos conflitos civis desde então. A questão étnica está na base da maioria dos impasses e dificuldades de gestão dos problemas entre os povos

¹ No texto original de Julien (1995, p.18) está “the spaces in between”.

africanos, a obtenção de consensos e o estabelecimento de governos estáveis, desde as primeiras ondas de descolonização administrativa europeia.

Para Thiong'o (1993), a cultura sempre foi um importante teatro de confrontos políticos, devido ao longo processo de supressão de práticas culturais tradicionais dos povos nativos, a constante repressão das culturas locais, a própria importação de sistemas educacionais, linguísticos, religiosos, políticos, administrativos e culturais que foram forçados indiscriminadamente aos diversos grupos étnicos nos recém criados estados nacionais, durante os séculos XIX e XX. Assim, mesmo depois das independências, o surgimento de uma nova classe social não trouxe grandes mudanças a esse processo, ou seja, as práticas imperialistas foram mantidas pela classe de nativos no poder, elites burguesas que foram concebidas ainda durante o colonialismo europeu e que, portanto, herdou práticas e instituições exploratórias, cultivando lideranças nativas não muito diferentes da administração europeia.

Portanto, os eventos históricos na África devem ser compreendidos, principalmente, a partir da questão étnica e cultural, para daí se conceberem elementos explicativos para a política e a economia das nações africanas. Nesse contexto, as produções literárias assumiram uma função estratégica nesse empreendimento ético, ou seja, registrar os inúmeros conflitos étnicos e de interesses por meio de narrativas contextuais que nos revelam traços muito importantes da trajetória cultural e histórica do continente. Como defendeu Achebe (1973), o romance africano deve ser sobre a África, pois além de uma expressão geográfica, pode ser concebida também como uma paisagem metafísica, uma visão de mundo, um cosmos percebido de maneira bem particular pelos seus povos.

A narrativa nativista de Chinua Achebe: um estudo sobre “A flecha de Deus”

O romance “A Flecha de Deus” (2011) faz parte da consagrada Trilogia Africana² de Chinua Achebe, a qual mostra o modo de viver das tribos e dos nativos da Nigéria, estes que estimam os seus próprios valores e tradições,

² Os títulos originais da trilogia: *Things fall apart* (1958), *No longer at ease* (1960) e *Arrow of God* (1964)

causando assim inevitavelmente certo atrito com a colonização europeia iminente (BHATT, 2014). Na trilogia, Achebe discute a questão étnica como ponto principal da sociedade africana, além de tratá-la como uma experiência humana particular extremamente significativa para a dinâmica social e para as disputas de poder local (FIGUEIREDO, 2018). Trata-se de um tratado sobre as relações étnicas africanas face à colonização europeia. O encontro de culturas revela o grande dilema da África colonizada, pois defronta-se com conflitos étnicos internos pela manutenção do poder ao mesmo tempo em que enfrenta os efeitos da presença exploratória do colonizador tomando esse poder pluriétnico.

Para Achebe, o passado colonial foi cenário de confrontos desiguais nos quais a população *igbo* nigeriana lidou obrigatoriamente com um processo de adaptação e resistência às novas práticas sociais e religiosas impostas pelos colonizadores. Em suma, as estratégias de confronto entre esses dois mundos foram insuficientes para enfrentar o catastrófico encontro colonial, cujos efeitos sobre a cultura local foram profundos, forçando a transformação étnica, ao submetê-la à nova ordem externa (FIGUEIREDO, 2018). *A flecha de Deus* (2011) é um romance de um dos maiores nomes da literatura africana, sendo ele Albert Chinualumogu Achebe (1930-2013). A narrativa é o último livro de sua aclamada Trilogia Africana e conta a vida cotidiana de uma aldeia *igbo* na Nigéria, além de mostrar como acontece a transculturação e todos os conflitos e adaptações que provêm da colonização britânica.

De acordo com Onyibor (2016), o escritor buscou construir o romance pelo viés histórico, de modo que a cultura *igbo* fosse representada, trazendo as questões sobre a colonização que começam a ganhar forma e também destacar o país, situando-o em um aspecto mais voltado para os elementos históricos e humanos. Percebem-se os costumes e tradições *igbos* no modo da escrita da obra, rica em provérbios e passagens que remetem às tradições dos antigos povos das aldeias nigerianas, passadas de geração em geração, como ensinamentos valiosos. Para Akanbi, Aziz e Halim (2018), todas as metáforas e outras figuras de linguagens presentes no livro foram a forma do autor descrever a cultura e o poder que se faz presente em toda a aldeia nigeriana.

Na visão de Achebe, todos devem ter a liberdade de poder se expressar e propagar suas histórias, se distinguindo assim da história contada pelos colonizadores, que, devido à força da colonização, expõe somente sua visão

eurocêntrica (MORTARI e GABILAN, 2017). A história se passa na grande Umuaro, constituída por seis aldeias menores, e a personagem principal é o governante da aldeia e o sumo sacerdote Ezeulu, sendo também o porta-voz do deus em comum das seis aldeias: Ulu. A presença inglesa durante o romance começa a interferir na administração e nos costumes dos nativos, colonizando aos poucos Umuaro e criando ainda mais conflitos internos.

O romance mostra como se deu a colonização inglesa e como esta buscava gerenciar o país, além de destacar suas falhas e decadência ao longo da narrativa, pois a colonização não menosprezava apenas os nativos, mas também os próprios britânicos, mesmo que possuíssem altos cargos, como o capitão Winterbottom. Neste livro de Achebe, a administração é relatada com pouca honra e glória, já que os acontecimentos decorrem rapidamente, como a aceitação por parte dos nativos quanto à colonização inglesa, que mudaria os seus costumes e tradições (BHATT, 2014).

A grande Umuaro presenciava diversos conflitos internos, principalmente os que envolviam a sua aldeia rival, Okperi. A disputa se baseava no conflito sobre as terras onde Umuaro estava estabelecida, que deveriam pertencer a Okperi e, quando uma possível guerra surge, o sumo sacerdote Ezeulu estabelece a sua posição, afirmando que não havia motivo para lutar uma guerra injusta, já que seu pai havia contado que as terras eram de Okperi. Segundo Akanbi, Aziz e Halim (2018), tal disputa entre as aldeias sobre as terras ajuda a identificar quão intensa é a crise na qual se encontra Umuaro, e como a opinião de Ezeulu faz com que entre em divergência com grande parte de sua aldeia, sendo estes pertencentes de altos cargos, ou não.

— Eu sei — ele disse —, porque meu pai me contou, que quando nossa aldeia aqui se ergueu a terra pertencia a Okperi. Foi a gente de Okperi quem nos deu um pedaço da terra deles. Eles também nos deram suas divindades: Udo e Ogwugwu. [...] Esta é a história tal como a ouvi de meu pai. Se vocês decidirem lutar com um homem por um pedaço de terra que pertence a ele, eu não terei nenhuma participação nisto (ACHEBE, 2011, p. 27).

Ainda para os autores, a posição do sumo sacerdote em relação à posse das terras, expõe bem a forma como Ezeulu vê o seu poder e como isto está se tornando mais um problema interno. Ao dar sua opinião quanto ao conflito das terras, o sacerdote falou como se sua voz fosse a voz da razão, já que pensa que sua relação com o deus faz com que seu discurso seja o de Ulu também. E quando

ele remete ao seu pai, faz parecer que suas duas metades – o homem e o deus – estão se invertendo, e ele leva em consideração a sua vontade, como se fosse a do próprio Ulu.

Quem teria imaginado que Umuaro iria à guerra tão penosamente dividida? Quem teria pensado que desdenharia o aviso do sacerdote de Ulu, o deus que originalmente reunira as seis aldeias e fizera delas o que eram? Mas Umuaro se julgara a si própria mais sábia e forte e se tornara igual ao pequenino pássaro *nza*, que comeu, bebeu e desafiou seu deus pessoal que fundara suas aldeias. E o que esperava? A divindade lhe deu uma surra para todo sempre (ACHEBE, 2011, p. 26).

Segundo Akwanya (2013), a confiança do sacerdote tem ligação com sua metade do deus Ulu, a partir da qual ele acredita que fala pelo deus também. Com isso, essas metades, quando divididas, acabam sendo um tanto quanto confusas. A discordância entre as metades e a falta de consciência sobre isso é que faz com que Ezeulu acredite que possui um poder acima do que lhe é reconhecido. Considerado um dos rivais de Ezeulu na narrativa, Nwaka, um dos homens com um dos mais altos títulos da terra e do deus Eru, o deus da riqueza, entra em controvérsia com a fala de Ezeulu e convence a todos os outros anciãos presentes na reunião que a guerra não era a solução, porém se precisassem lutar, não seria uma guerra injusta, nem desnecessária.

– A sabedoria é como uma sacola de pele de cabra: todo homem carrega a sua própria. O conhecimento da terra também é a mesma coisa. Ezeulu contou-nos o que seu pai lhe disse sobre os velhos tempos. Nós sabemos que um pai não diz falsidades a seu filho. Mas também sabemos que o conhecimento da terra está além da sabedoria de muitos pais. Se Ezeulu tivesse falado acerca da grande divindade de Umuaro que ele representa e que seus ancestrais representaram antes dele, eu teria prestado atenção à sua voz. Contudo, ele falou sobre acontecimentos que são mais antigos do que a própria Umuaro. Eu não terei medo de dizer que nem Ezeulu nem qualquer outro homem de sua aldeia pode nos contar com certeza o que então se passou. (ACHEBE, 2011, p. 28)

Nwaka chega a armar uma assembleia onde nem Ezeulu, nem nenhum de seu povo possa participar e ali, convence quem quer que ainda estivesse do lado de Ezeulu que os conflitos eram necessários, ainda mais após a morte de Akukalia – o primeiro emissário que foi a Okperi; mandado com a missão de selar a paz

entre as duas aldeias, mas que acabou gerando uma luta que acarretou em sua morte e ainda mais desavenças entre ambas as aldeias.

— Meu pai nunca me disse que, antes de Umuaro ir à guerra, precisasse pedir licença ao sacerdote de Ulu. O homem que carrega uma divindade não é um rei. Ele existe para cumprir os rituais e sacrificar aos deuses. Mas venho observando esse Ezeulu há muitos anos. É um homem ambicioso: quer ser rei, sacerdote, adivinho, tudo. O pai dele, segundo contam, era exatamente igual. Porém, Umuaro mostrou-lhe que o povo igbo não conhece reis. (ACHEBE, 2011, p. 44).

Por fim, os conflitos são iniciados e acabam quando a presença do homem branco chega e começa suas interferências, pois foi graças ao capitão Winterbottom que a guerra acabou antes mesmo de se tornar ainda mais sanguinária e o seu fim foi decidido.

O homem branco não ficou satisfeito em apenas parar a guerra. Ele recolheu as espingardas de Umuaro e mandou que os soldados as quebrassem diante de todos, exceto três ou quatro, que levou consigo. Depois disso, procedeu ao julgamento de disputa entre Umuaro e Okperi, e decidiu a favor de Okperi. (ACHEBE, 2011, p. 45).

A partir daí a administração colonial começa a se tornar mais recorrente entre as aldeias, como a construção de uma estrada que ligaria Umuaro a sua aldeia rival, Okperi. A construção levaria em conta a mão de obra dos povos nativos, estes que eram mal pagos e desrespeitados. Para Bhatt (2014), uma relação, mesmo que demorada, se estabelece entre os colonizados e colonizadores, pois as duas partes têm seus objetivos. Os ingleses buscam encontrar uma forma de gestão que os façam conseguir promover a administração sobre aquela parte da Nigéria e que lhes dê o controle. E a compreensão dos nativos quanto a isso gera a divisão destes, quanto aos homens brancos que chegam visando à colonização dos povos. Com toda a colonização iminente, o sacerdote Ezeulu passa a ter ainda mais desavenças com o seu próprio povo. Sendo julgado por suas decisões, como a de deixar que seu filho fosse conhecer e aprender os costumes da religião dos homens brancos.

Para Akanbi, Aziz e Halim (2018), os nativos tinham os ingleses como um mau sinal a todas as suas tradições e valores, assim almejavam que o sacerdote os defendesse das ameaças que os britânicos representavam. E a partir do

momento que Ezeulu aceita certos acordos coloniais, ele, que representava a constância de seu povo com relação aos seus costumes contra as forças colonizadoras, torna-se mais um objeto que atua pelos colonizadores. E os conflitos que surgem entre Umuaro e seu sumo sacerdote são consequências da contínua cobiça por parte de Ezeulu por mais poder, pois ele passa a não se importar mais com a opinião do povo em primeiro lugar: Ezeulu também quer poder administrativo e não somente sobre a religião e as tradições de seu povo.

— Escute o que eu lhe direi agora. Quando um aperto de mãos vai além do cotovelo, sabemos que ele se tornou outra coisa. Fui eu quem o mandou juntar-se àquela gente, por causa de minha amizade com o homem branco, Wintabota. Ele pediu-me que lhe enviasse um de meus filhos, para aprender as maneiras de seu povo, e eu concordei e escolhi você. Não o enviei, porém, para que você abandonasse seus deveres para com a minha casa. Você está me ouvindo? Vá e comunique a quem determinou que você fosse a Okperi que eu disse que não. Diga-lhe que amanhã é o dia da semana em que meus filhos e minhas esposas e as mulheres de meus filhos trabalham para mim. Ele e sua gente deviam conhecer os costumes desta terra. Se não os conhecem, você precisa lhes dizer quais são. Está me ouvindo? (ACHEBE, 2011, p.24).

E assim, seu filho Oduche foi o escolhido para ser tornar os olhos de seu pai quanto aos homens brancos e a religião cristã. Logo, ele acaba sendo catequisado e aderindo aos costumes cristãos, o que gera ainda mais desentendimento simbólico, ao matar uma jiboia, que, para toda Umuaro, era sagrada, o que difere do que é ensinado na sua nova doutrinação religiosa.

— Se somos cristãos, devemos estar prontos a morrer pela fé — afirmou. Vocês precisam estar prontos para matar a jiboia, assim como o povo dos rios matou a iguana. Vocês se dirigem à jiboia como Pai. Ela não é senão uma cobra, a cobra que enganou nossa primeira mãe, Eva. Se você tem medo de matá-la, não se considere um cristão (ACHEBE, 2011, p. 70).

Pode-se observar o choque cultural que se faz presente quando um jovem entra em contato com a colonização e seus métodos e, então, se depara com as controvérsias do [se posiciona contraditoriamente ao] que seguia, para o que passa a tomar como certo, o que coloca em jogo todas as suas crenças para aderir a uma nova religião, a cristã. Oduche foi contra seus antigos ensinamentos, e toda culpa recaiu sobre seu pai, já que Ezeulu o tinha mandado para aprender os novos costumes. Seu filho agora retorna como alguém que já não se importa com as

regras sagradas da religião de seu pai e do seu próprio povo. O ato de Oduche ter prendido a cobra se deve à conversão à qual o menino havia sido submetido, desta forma, deixando de acreditar nas regras religiosas tradicionais de sua aldeia.

O escritor cria a personagem do sacerdote com uma tendência à cobiça por poder, seja administrativo ou religioso, surge então, o seu interesse por mandar seu filho para ser catequisado e aprender sobre os colonizadores (AKANBI, AZIZ e HALIM, 2018). A estratégia de Ezeulu era uma forma de ele próprio saber que a presença do homem branco iria prevalecer e seria em vão tentar se contrapor ao poder colonial. Entretanto, a escolha de Ezeulu em enviar seu filho não foi a melhor opção, já que o povo considera que não deve se misturar com os colonizadores, pois nada uniria duas culturas tão divergentes (KILLAM, 1982 *apud* AKANBI, AZIZ e HALIM, 2018).

Após essa confusão, a narrativa segue para a grande tragédia que sucumbiria Umuaro, sendo ela a ausência do período da colheita, pois Ezeulu acaba sendo preso por Winterbottom para receber uma proposta de administração superior na sua tribo, e, com tal contratempo, o sacerdote não concluiu um dos seus rituais mais sagrados, o de anunciar o Festival do Novo Inhame, que marcava o dia da colheita de inhames e o fim de mais um ano. Os britânicos tentam cobrir suas falhas administrativas e, ao tentar evitar ainda mais erros, começam a procurar alguém entre os povos locais que atendesse às suas expectativas frente à instalação de uma administração nativa e que controlava os nativos, uma vez que a medida de um quase rei entre os nativos havia sido desastrosa perante a cobiça do nativo escolhido.

Para Akanbi, Aziz e Halim (2018), no início da narrativa, há uma espécie de conselho, em que são debatidas as questões de poder e conflitos que podem ser gerados com o poder centralizado em poucas pessoas escolhidas e a perspectiva de que um poder total e absoluto destruiria a união das aldeias. O escritor utiliza-se desse poder de que Ezeulu dispõe e faz com que a personagem se constitua como uma alusão ao exagero quanto a seus poderes. O capitão Winterbottom logo se lembra do sumo sacerdote, em quem ele confiou, e, mesmo com a saúde debilitada pelas doenças nativas, ele ordena que busquem Ezeulu e o façam aceitar a proposta do governante. Toda essa ação gera a recusa imprevista de Ezeulu para com a administração e, conseqüentemente, produz a prisão do

sacerdote por alguns dias, a fim de forçar sua aceitação. O que, a longo prazo, gerou a confusão que conduziria Umuaro ao começo de sua ruína.

Devido aos dias passados na prisão, longe de seu *compound* e sua casa, o sumo sacerdote não comeu seus inhames sagrados, que levariam ao dia da colheita. Com esse impedimento, toda Umuaro começa a sofrer com o atraso da colheita, visto que todos corriam o risco de perderem suas plantações. Mesmo com medo da punição do deus Ulu, a aldeia manda alguns de seus homens de respeito para pedir a Ezeulu para comer logo os inhames, e que toda a aldeia aceitaria a punição, desde que pudessem colher logo suas plantações, porém o sacerdote se recusa a adiantar sua mais sagrada função, dizendo que ainda faltavam três inhames e ele sabia que ainda não era o tempo certo.

— Creio que Ezeulu falou muito bem. Tudo o que disse entrou nos meus ouvidos. Todos nós conhecemos o costume, e ninguém pode dizer que Ezeulu tenha feito qualquer ofensa contra ele. Mas os inhames estão maduros no solo e devem ser colhidos agora, ou serão comidos pelo sol e pelos vermes. Ao mesmo tempo, Ezeulu acaba de nos dizer que ainda tem três inhames sagrados para comer. Então o que faremos? Como é que se carrega um homem com a cintura quebrada? Nós sabemos por que os inhames sagrados ainda não terminaram; foi obra do homem branco. Contudo, ele não está aqui, agora, para respirar conosco o ar que emporcalhou. Nós não podemos ir a Okperi e pedir-lhe que venha e coma os inhames que estão entre nós e a colheita. Devemos, então, nos sentar e ver nossa colheita ser arruinada e nossos filhos e mulheres morrerem de fome? Não! Embora eu não seja o sacerdote de Ulu, posso dizer que a divindade não deseja que Umuaro padeça. Nós a chamamos de salvadora. Portanto, você precisa encontrar uma saída, Ezeulu. Se eu pudesse, comeria agora mesmo os inhames restantes. Mas eu não sou o sacerdote de Ulu. Cabe a você, Ezeulu, salvar nossa colheita (ACHEBE, 2011, p. 300).

Mesmo com o pedido, o sacerdote ainda se recusa a acelerar o processo do qual é responsável, e com tal atitude um tanto quanto egocêntrica, os homens recorrem a uma atitude que pudesse mostrar ao sacerdote em quais mãos se encontrava o poder de Umuaro. Para Akanbi, Aziz e Halim (2018), a negação por parte de Ezeulu quanto ao cargo e, por conseguinte quanto ao anúncio do festival do Novo Inhame, acarreta consequências ao poder que a aldeia em si tem e lhe mostra em um momento delicado pelo qual ela passava.

— Você falou bem. Mas o que me pediu para fazer não se pode fazer. Aqueles inhames não são comida, e o homem não pode

comê-los porque está com fome. Você está me pedindo para comer a morte.

— Ezeulu — disse Anichebe Udeozo. — Nós sabemos que uma coisa dessas nunca foi feita antes, mas nunca antes o homem branco tinha levado o sumo sacerdote embora. Essas não são situações que tenhamos experimentado antes e devemos enfrentá-las como são, ou rolar na poeira. Quero que você olhe em volta deste quarto e me diga o que vê. Você acha que, neste momento, há outra Umuaro do lado de fora desta cabana?

— Não, vocês são Umuaro — disse Ezeulu.

— Sim, nós somos Umuaro. Portanto, escute o que vamos dizer. Umuaro lhe está pedindo para, hoje mesmo, ir comer aqueles inhames que restam e determinar o dia da próxima colheita. Você me ouviu bem? Eu disse: vá e coma aqueles inhames hoje, não amanhã. E se Ulu disser que cometemos uma abominação, deixe que o castigo recaia sobre as nossas cabeças, as nossas, as dos dez que estamos aqui. Você estará isento de culpa, porque fomos nós que o mandamos fazer o que vai fazer, e a pessoa que manda uma criança pegar um musaranho deve também buscar a água para tirar o odor de sua mão. Nós buscaremos a água para você. Umuaro, eu falei bem?

— Você disse tudo. Nós receberemos o castigo.

— Líderes de Umuaro, não digam que estou tratando suas palavras com desprezo. Não é meu desejo fazê-lo. Mas vocês não me podem dizer: “Faça o que não se deve fazer, e nós arcaremos com a culpa”. Eu sou o sumo sacerdote de Ulu, e o que eu lhes disse é a vontade dele, não a minha. Não se esqueçam de que também tenho plantações de inhame, e que meus filhos, meus parentes e meus amigos, entre os quais vocês, também plantaram inhames. Não poderia ser meu desejo arruinar todas essas pessoas. Não poderia ser meu desejo fazer sofrer o mais humilde homem de Umuaro. Porém, isso não é algo que eu esteja fazendo. Os deuses, por vezes, nos usam como chicote... (ACHEBE, 2011, p. 301 e 302)

O grande deus em comum, Ulu, é uma forma de metáfora que representa a força total das seis aldeias, logo, todo o seu poder não pode ser destituído dos povos locais, dado o fato de que os mesmos escolhem seu representante para ser o sacerdote. Essa metáfora é para recordar Ezeulu que sua função não abrange o poder do deus, pois este poder é do povo. Assim, o sumo-sacerdote deve realizar sua função junto às inclinações da aldeia, colocando suas preferências em primeiro lugar. Pois, se realizar seus desejos e abusar do poder, não sofrerá a ira somente de toda Umuaro, mas também do deus (AKANBI, AZIZ e HALIM, 2018).

Com o conflito entre poder e deveres, Ezeulu entra em disparidade com toda a aldeia de Umuaro que questiona sua autoridade, pois assumiriam o castigo

do deus caso recaísse sobre eles, por fazerem o sacerdote comer os inhames antes. E ainda ao fim, por conta dessa desavença, o número de convertidos aumenta significativamente com a proposta de colheita pelo deus cristão.

Eu não disse que Ezeulu esteja dizendo uma mentira, usando o nome de Ulu. O que lhe dissemos foi que comesse os inhames, que nós arcaríamos com as consequências. Mas ele não quis fazê-lo. Por quê? Porque as seis aldeias permitiram que o homem branco o prendesse. Esta é a razão. Ele tem estado tentando ver como conseguiria punir Umuaro e teve agora a oportunidade. A casa que ele esteve planejando derrubar pegou fogo e poupou-lhe o esforço (ACHEBE, 2011, p. 308).

Segundo Onyibor (2016), no momento em que surge o confronto de opiniões entre o sacerdote e a aldeia, Ezeulu tira proveito da situação, como uma forma de castigar o seu povo, que não o retirou das mãos dos colonizadores quando ele fora preso. O sacerdote encontrou uma forma de castigar também o seu deus, usando a aldeia como a arma, porém, o sumo sacerdote deixou que apenas a sua parte humana falasse. Diante do desentendimento, o catequista da aldeia vê, nessa falha entre a religião e a união do povo perante sua fonte de sustento, uma oportunidade de mostrar aos nativos o deus cristão. E assim começa a aumentar o número de convertidos, pois com o "novo deus" eles poderiam colher seus inhames sem punições, se livrando assim da fome.

Para Akanbi, Aziz e Halim (2018), Ulu possui o poder de deixar seu povo em segurança, seja ela não apenas religiosa, mas de qualquer outra forma, e seu sumo-sacerdote é responsável pelas datas festivas, além de revelar a data da colheita, porém o grande deus e seus poderes se tornam frágeis a partir do ponto em que seus devotos sentem que já não servem mais para seus objetivos e desejos.

Logo, estando todos com medo da fome, que se torna cada vez maior e presente, a aldeia começa então a cogitar aceitar o deus cristão, por atender às suas necessidades, de forma que os ajudasse com a colheita, sem serem punidos.

E, assim, espalhou-se a notícia de que qualquer pessoa que não desejasse esperar e ver toda a sua colheita arruinada poderia levar sua oferenda ao Deus dos cristãos, que se asseverava ter o poder de proteger essa pessoa da ira de Ulu. Essa história, noutros tempos, seria acolhida com risadas. As pessoas, porém, tinham deixado de rir. (ACHEBE, 2011, p. 312).

Ainda para Akanbi, Aziz e Halim (2018), outro precursor da falha religiosa para Umuaro foi a presença dos ingleses, estes que possuem o deus cristão, o qual

os colonizadores usam de recurso como uma opção aos nativos, caso seu próprio deus Ulu já não cumprisse com suas expectativas.

Por isso, somente Umuaro e seus líderes acompanharam o desfecho. Para eles, a questão era simples. Seu deus tomara o partido deles, contra o obstinado e ambicioso sacerdote, e assim confirmara a sabedoria dos ancestrais — e esta dizia que homem algum, por melhor que fosse, podia ser maior do que seu povo; e que homem algum jamais ganharia nenhuma questão contra seu clã.

Se era assim, então Ulu escolhera um momento perigoso para demonstrar sua sabedoria. Ao destruir o seu sacerdote, ele também trouxera o desastre sobre si próprio, qual o lagarto da fábula, que arruinou o funeral de sua mãe com sua própria mão. Pois uma divindade que escolhe um momento como esse para destruir o seu sacerdote ou abandoná-lo à mercê de seus inimigos está incitando o povo a tomar liberdades, e Umuaro estava justamente pronta a fazê-lo. A colheita dos cristãos, que se realizou alguns dias depois da morte de Obika, foi muito mais concorrida do que Goodcountry jamais poderia ter sonhado. Como recurso extremo, muitos homens de Umuaro haviam enviado um filho com um ou dois inhames como oferenda à nova religião, em troca da imunidade prometida. Daí em diante qualquer inhame colhido nos campos do homem era colhido em nome do filho (ACHEBE, 2011, p. 331 e 332).

Na visão de Akwanya (2013), no fim, toda a vida e os planos do sumo sacerdote acabam, assim como todos os seus poderes e as suas responsabilidades, no entanto, o sagrado deus Ulu também perde os seus devotos e o temor de seu povo, assim como outras partes da religião, na medida em que agora a cobra não é mais venerada e sim vista como alvo. Ao se tratar da nova religião cristã, esta conseguiu aumentar numericamente, porém não é possível dizer que o povo tenha realmente se convertido. Em suma, podemos observar, durante toda a narrativa construída por Chinua Achebe, o modo como a colonização inglesa foi interferindo aos poucos nas relações administrativas e religiosas entre os povos da Nigéria e ainda como afetava as relações e os próprios conflitos presentes nas aldeias.

Considerações finais

O poder demonstrou ser o elemento central dos conflitos étnicos narrados na obra “A flecha de Deus” (2011), de Chinua Achebe. As tentativas de fortalecimento das identidades nativas da África, por meio da literatura, foram marcadas pelas

relações de disputa pelo poder político e pelo poder simbólico entre os povos em contato. As questões culturais, exaltadas pela tradição igbo, estiveram atreladas ao choque de civilizações provocado pelo colonialismo europeu. Nessa obra, Achebe resgata os valores da tradição, como mecanismo de reescrever a história nigeriana, a partir da perspectiva da diversidade cultural, para tentar explicar os elementos causais de grandes conflitos históricos na Nigéria, e, de certa forma, em inúmeros outros países africanos. A experiência do povo igbo pode se somar a inúmeros outros eventos étnicos na África que foram desconsiderados pelo empreendimento colonial europeu, porém, as independências nacionais forçaram o contato e a constante gestão de conflitos entre as etnias locais, por parte dos atores políticos emergentes nas sociedades africanas. O que houve em várias nações foi a ascensão de lideranças nativas ao poder, de forma autoritária e violenta, vindas de determinadas etnias, com a consequente repressão de outras, independentemente da representatividade populacional. “A flecha de Deus” (2011) revela os elementos endógenos aos povos africanos que produziram efeitos extremamente negativos às ações políticas pós-independência, ou seja, os conflitos étnicos que impediram o surgimento de governos consensuais e democráticos.

Referências

ACHEBE, Chinua. **A Flecha de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ACHEBE, Chinua. Thoughts on the African novel. **The Dalhousie Review**. p.631-637. 1973. Disponível em https://dalspace.library.dal.ca/bitstream/handle/10222/59628/dalrev_vol53_iss4_pp631_637.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 14 Jan. 2019.

AKANBI, Afolabi Olarongbe; AZIZ, Noor Hashima Abd; HALIM, Rohizah. **The God And People’s Power In Chinua Achebe’s Arrow Of God**. IOSR Journal of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS), v. 23, n^o2, pp. 68-77. Feb. 2018.

AKWANYA, Amechi Nicholas. The power of the unknown in Chinua Achebe’s Arrow of God. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 2, n^o8, pp. 35-42. Aug. 2013.

BHABHA, Homi. **The location of culture**. London: Routledge, 1994.

BHATT, Kamallesh Kumar. African Culture and Traditions in the Novels of Chinua Achebe: Response to Colonialism. **Research Scholar - An**

International Refereed e-Journal of Literary Explorations, v. 2, n^o1, pp. 86-92. Feb. 2014. Disponível em <<http://researchscholar.co.in/downloads/12-dr.-kamalesh-kumar-bhatt.pdf>> Acesso em 04/01/2019.

FIGUEIREDO, Fábio B. Escalas da identidade na literatura africana das independências: uma abordagem exploratória sobre nacionalismo, identidades sociais e produção cultural. **Revista Tempo** Vol. 24 n. 1, Jan./Abr. 2018.

JULIEN, Eileen. African literatures in comparative perspective. **Yearbook of Comparative and General literature**. vol.43 p.p. 15-24, 1995.

MORTARI, Cláudia; GABILAN, Katarina Kristie Martins Lopes. “Concordo, claro, que uma boa arte muda as coisas”. A escrita literária de Chinua Achebe e a crítica a colonialidade. **Sankofa** - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana (São Paulo), v. 10, n. 20, p. 56-73, 2017.

ONYIBOR, Marcel Ikechukwu Sunday. Igbo Cosmology in Chinua Achebe’s Arrow of God: An Evaluative Analysis. **Open Journal of Philosophy**, v. 6, pp. 110-119. Feb. 2016.

THIONG’O, Ngũgî Wa. **Moving the center**: the struggle for cultural freedom. Nairobi, Kenya: English Press, 1993.

UDEANI, Chibueze C. Cultural Diversity and Globalisation: An Intercultural Hermeneutical (African) Perspective. **International Review of Information Ethics**. Vol.7, 2007.